



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE-ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

4 de Dezembro de 2010 • Ano LXVII • N.º 1741

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Vida em família



Pedro e Salomé, filhos do Shéu e da Virgínia.

SÓ lá percebi porque foi nesta altura que me marcaram viagem para a visita que durante duas semanas me teve com eles. É que no princípio de Novembro, na Bélgica e no Luxemburgo, há uma paragem escolar e os *nosso*s pais e mães de família tiveram também algum afrouxamento nos seus trabalhos — e assim foi possível uma convivência maior. Um pormenor que a delicadeza deles aproveitou, pois para conhecer e abençoar a casa que o Carlos e a Virgínia puderam adquirir com o acertado governo das suas vidas — e foi o pretexto da visita — qualquer outra data servia.

Cheguei a Bruxelas quarta-feira à tarde e aí fiquei até à noite do dia 1 de Novembro. Nave e família juntaram-se a nós na sexta-feira seguinte e passámos juntos aquele fim de semana prolongado. Estava combinado e cumpriu-se que aproveitaríamos o Domingo e a Festa de Todos os Santos para encontro com as Comunidades de portugueses que se reúnem em duas paróquias da cidade e aí lhes anunciámos, ou recordámos, Pai Américo e a Obra da Rua e propusemos a assinatura d'O GAIATO, que irá aprofundar este anúncio, mensageiro quinzenal que é. Agradeço o acolhimento generalizado que nos foi prestado e especialmente aos seus promotores, Frei Eugénio e as Servas de N. Sra. de Fátima, que servem em nome da Igreja as referidas Comunidades. Quem dera que em todos os lugares da Europa onde vivem milhares de portugueses, houvesse uma assistência assim organizada!

Foi o jornal e foram os livros de Pai Américo, uma vintena deles logo requisitados e já entregues; e outra vintena que se espera seja a seu tempo, até proximamente como lembrança de Natal. Encontram-nos na *Igreja de Sainte Croix*.

Dia 1, como já disse, Nave e família regressaram ao Luxemburgo e eu com eles. Aí tive a Isabel, que folgava do seu trabalho essa semana, por companhia e cicerone. A casa deles já a conhecia mas achei-a renovada e em melhoramento continuado, que o Nave é um trabalhador polivalente e não pára nos seus projectos. Dá gosto ver estes filhos numa vida modesta mas já de razoável nível, que o vão fazendo subir com o seu esforço e uma sábia economia. Os três filhos, todos adolescentes, estudam: os dois rapazes gémeos em Escolas Secundárias; e a Melodie no 8.º ano.

O Luxemburgo é um país de portugueses. Ouvi dizer que o seu número é já 14% da população e está a crescer todos os dias. Ali seriam possíveis vários encontros como os de Bruxelas se o tempo desse, mas só foi possível em Esch-sur-Alzette onde eles moram, com uma igreja cheia de compatriotas nossos como raramente se vê por cá.

Este fim de semana vieram passá-lo no Luxemburgo o Carlos e os seus, com quem voltei a Bruxelas, de onde havia de regressar a Portugal. Mas ainda estive com outros três nossos: o António «angolano», que foi fundador da nossa Casa em Malanje e há muitos anos não via; e, em Lovaina, com o Mário Rui que nos deu o almoço no seu restaurante e com o Luís Barros de quem andava perdido e muito gostei de o ver.

Foi uma jornada reconfortante que nos estimula a alargar horizontes e a aprender a esperar que cada rapaz se atinja um homem. E uma certeza experimentada de como a Família continua, na fraternidade vivida por estes rapazes que em tempos passados se encontraram sob o mesmo tecto e agora, e muito bem, se conservam abertos uns aos outros sob o tecto dos seus lares.

Padre Carlos

ADVENTO DO REINO Padre João

EIS-NOS chegados ao tempo de Advento. Tempo de avivar e purificar a memória. Recordação de um passado que se perde na bruma da história humana mas que continua a fazer sentido e a provocar. Jesus veio como presença decisiva à história da humanidade; veio e há-de vir de novo no fim dos tempos, não sabemos nem “quando” nem “como”, nem isso é assim tão importante. As Sagradas Escrituras referem que a sua vinda «é o fim do mundo...»

É também uma vinda que está continuamente a acontecer de forma inaudita, inesperada. E, quando acolhida em corações humildes e desprendidos, faz bastantes «estragos» à ordem estabelecida: «é o fim do mundo...» — De um certo mundo! Isso vê-se, claramente perscrutando as páginas das Escrituras nas quais se movimentam personagens de carne e osso guindadas à esfera do divino, das quais Maria de Nazaré é um expoente significativo. Por isso ela é, com toda a propriedade, Mãe do Advento.

Também a história da Igreja está pejada de vidas que foram e continuam sendo «Advento do Reino». Para além dos inquestionáveis Agostinho de Hipona Bento de Núrsia, Bernardo de Claraval, Francisco de Assis, Teresa de Ávila, Teresa de Lisieux e muitos mais recordaríamos...

Histórias modelares de Advento bem mais próximas de nós, faz bem recordá-las neste Advento 2010, tão carente. Maximiliano Kolbe, Damião de Veuster, Daniel Comboni, Madre Teresa de Calcutá, Padre Américo. Muitos outros, mesmo sem o veredito da Igreja, se escondem por detrás de mosteiros, com o coração em labareda ou cruzam os céus com as mãos carregadas de paz, antecipando, num e noutro lado, o Advento do Reino.

Quantos, para além das fronteiras da Igreja, continuam a desafiar inércias e pasmos e ostentam as chagas do Crucificado, escondidos, sem saberem, no Seu “lado aberto”: Martin Luther King, Raoul Floreau, Gandhi, Florence Nightingale... são incontáveis!

É o Advento do Reino que todos eles anunciam, em tantas formas e em tantas latitudes. Muitas vezes no meio de perseguições, incompreensões; com o risco da própria vida e segurança: junto dos doentes, dos reclusos, nos bairros onde impera o tráfico de droga; nos palcos de guerra, junto dos sem abrigo e dos idosos, dos filhos de “pais vivos”, dos pais esquecidos e abandonados numa velhice cheia de solidão e amargura.

São bem mais do que possamos pensar e imaginar, aqueles que, longe das luzes da ribalta, enxugam lágrimas ou apertando mãos humanas, frágeis e trémulas, fecham os olhos aos que partem sem ninguém. É o Advento do Reino a realizar-se até que Natal e Páscoa se consumam. □

BENGUELA

Padre Manuel António

O «óbulo da Viúva»

ÀS primeiras horas da manhã, encontrei-me com a Palavra que me falou do óbulo da viúva. Deu do que lhe fazia falta para viver. O seu dom operou uma mudança na sua vida. Apercebeu-se de que a sua felicidade e segurança não está no apego aos bens materiais, em maior ou menor quantidade, mas na partilha por amor. O apelo da pessoa que nada tem ou da comunidade que necessita de ajuda encontra sempre eco no coração. Este encontro com a Palavra que é Jesus no Evangelho foi e é um foco de luz para todas as vidas que buscam a segurança autêntica. Sejam indivíduos ou empresas.

Há dias, estivemos em conversa com dois homens de negócios, de visita à nossa Casa. Perante a dimensão humana, ambiental e as estruturas físicas que prendiam os seus olhos, surgiu a pergunta habitual: «Como é possível? Donde vêm os meios de apoio que vos permitem caminhar de cabeça erguida e coração levantado?» Quem dera que a cultura da solidariedade estivesse actuante no seio das múltiplas empresas instaladas em Angola! Quem dera descobrissem que uma parte do alicerce da sua solidez, no seio deste povo,

está na cultura da solidariedade com a promoção humana das camadas mais necessitadas. É um investimento de efeitos tão duradouros como a Angola nova que desejamos. Quem dera aconteça esta descoberta! Por isso, se nos faltasse o «óbulo da viúva» não poderíamos caminhar. O nosso querido povo come-nos tudo o

que somos e temos. É do povo de Portugal, sobretudo, e de todos os que conhecem e acreditam na acção da nossa Casa do Gaiato que nos vem a ajuda necessária. Quem dera, repito, as empresas de âmbito nacional e internacional se deixem movimentar pela força da cultura da solidariedade social!

Recebemos, há muito tempo, uma carta muito linda e muito amiga. É portadora dum cheque: «Sei que aí há muito para onde distribuir e sei que é bem aplicado tudo o que recebem. Lem-

Continua na página 4

NOTA DA ADMINISTRAÇÃO

Uma nota para os nossos Assinantes e outros que residam no estrangeiro. Foi preocupação manifestada por muitos o modo como hão-de enviar-nos algum valor, dado que pelo correio e vias normais dos Bancos, tal é um processo muito caro. E todos sugeriram que o melhor seria a *transferência bancária europeia*, para o que aí vai o nosso IBAN, PT50 0045 1342 40035524303 98; e o nosso BIC/SWIFT, CCCMPTPL. Vamos tentar arranjar-lhes lugar no já sobre-ocupado cabeçalho do Jornal.

Não esquecer de juntar sempre na transferência o número de Assinante, para que possamos encontrar a notícia dela no extracto bancário. Ou, mais seguro ainda, mandar-nos esta notícia por carta.

Aliás, esta recomendação vale para todos os Assinantes, estejam onde estiverem, que preferem a modalidade da transferência bancária.

A Administração

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«É SÓ UM DIA POR ANO, NÃO É?» — Há dias, de uma escola de ensino básico do Porto, pediram-me para ir falar aos alunos dos vários anos sobre a história da minha vida, no âmbito da disciplina de Formação Cívica. Não fui contar nada de extraordinário, mas simplesmente como é que fui lidando com o estudo, a actividade profissional, a família e o empenhamento cívico.

Relativamente a este último, quando chegou a hora dos alunos fazerem perguntas, uma aluna do 4.º ano de uma escola primária das redondezas que tinha sido convidada para a sessão perguntou-me o seguinte: «Isso que o senhor faz é só um dia por ano, não é?» Lá lhe disse que, apesar de muitas falhas de minha parte, não era bem assim.

O meu caso pessoal aqui interessa pouco. Só o refiro porque na simplicidade e espontaneidade da observação da aluna do 4.º ano está uma questão que acho que é da maior relevância. Passo a explicar. Vão surgindo, cada vez mais, dias ou anos nacionais, europeus ou mundiais para tudo e mais alguma coisa. Por exemplo, agora está a viver-se o Ano Europeu de Combate à Pobreza e à Exclusão Social. Dentro de pouco tempo será mais um dia de recolha de alimentos para o Banco Alimentar. Há muitas crianças, jovens e adultos que aderem generosamente a estas iniciativas. Isso é bom. O que já não é muito bom é se fica nalguns deles a ideia de que coisas como o combate à pobreza e à exclusão social são assunto que nos deva ocupar só um dia por ano, deixando no resto do ano o problema entregue aos cuidados do Estado, das autarquias, das IPSS's, das Conferências Vicentinas, ou de outras organizações do género, mas não da própria pessoa, naquilo que cada um pode e deve fazer neste domínio.

Se for assim, esses dias de combate à pobreza e à exclusão social darão relativamente poucos frutos. A crer pela observação da aluna do 4.º ano há muita pedagogia a fazer nesta matéria.

TOMADA DE POSSE DA MESA DA CONFERÊNCIA — No passado dia 20 de Novembro, o Presidente do nosso Conselho de Zona, o querido confrade Agostinho Rodrigues, veio dar posse à mesa da nossa conferência constituída na sequência da fusão das conferências “feminina” e “masculina” da paróquia. Com ele fizeram questão de vir o actual e o anterior Presidente do Conselho Central, respectivamente os queridos confrades Manuel Carvas Guedes e Luís Roque. Tivemos, também, a presidente amiga do Sr. Padre Júlio e o abraço amigo do nosso pároco, Sr. Padre Sousa Alves que, a essa hora, tinha que estar a celebrar noutra paróquia. A reunião teve lugar no salão de festas da Casa do Gaiato como forma simbólica de lembrar a memória do Vicentino Júlio Mendes, recentemente falecido.

Como disse na altura, a presença destes confrades, do Sr. Padre Júlio e do nosso pároco não foi mero acto formal. Conhecendo-os como conheço, foi um acto de profunda amizade e comunhão com o nosso trabalho.

Em nome da nossa Conferência, um abraço muito amigo para todos. □

LAR DO PORTO

Casal Vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com as vossas palavras amigas que vou começar a escrever, porque são elas que nos dão força para continuarmos a nossa caminhada. Não é fácil transcrever todas as nossas emoções, porque nos sentimos pequeninos, quando lemos e vemos as notícias e nos apercebemos que o desemprego aumentou, e que vai haver mais famílias a passar necessidades. Temos todos que dar as mãos e, mais uma vez, ajudar todos os que precisam de nós, dentro das nossas, e vossas, possibilidades.

Já no livro *O Barredo* Pai Américo escrevia:

«O Vicentino é um sofredor. Tem de ser um sofredor! Ou então... não passa de mero recoveiro de esmolas! Ele sofre a impotência de dar remédio total ao mal do pobre que lhe foi confiado. Sofre por ver o pobre tão mergulhado na miséria, que às vezes, já nem tem a aspiração de melhorar. Sofre por o saber vítima de especuladores sem escrúpulos, que, embora à custa de sangue, são a nunca porta que se lhe abre no momento das maiores aflições. Sofre, porque sendo cristão e vendo no pobre um irmão diante do Pai Celeste, não encontra nele, tantas vezes, mais do que um triste ser animal. Porque sabe que em tais condições físicas ele não pode elevar-se à dignidade própria duma alma que não morre.»

É o discípulo de S. Vicente de Paulo, dando o que possui e lhe dão realizando o que o seu engenho, fecundado pelo amor de Deus, lhe inspira, ao contemplar a fraqueza das suas soluções. Ele, que foi despertado pela dor alheia, continua sofrendo e não se vê poder mais ou melhor do que sofre.»

Amigos Leitores, será que vamos voltar aos anos de 1952, altura em que Pai Américo escreveu *O Barredo*, e a viver em mais miséria do que aquela que hoje temos, vamos rezar para que isso não aconteça.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Recebemos a carta duma Amiga de 88 anos que escreveu o seguinte: «Hoje vou começar a distribuir o meu subsídio de férias pelas vossas casas e obras vicentinas, um bocadinho para cada uma. Faço isto com muita satisfação de dever cumprido ajudando dentro das minhas posses os que mais precisam.»

Emília Ferrão, o seu donativo; Amiga Luísa, da Régua; Isabel Braga; vale de António Carvalho; Jerónimo Martins.

Queremos agradecer em nome dos nossos irmãos carenciados a todos vós por se lembrarem deles com muito carinho.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

Pelas CASAS DO GAIATO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

MAGUSTO — Decorreu no dia 14 de Novembro, em pleno S. Martinho, para os associados que quiseram marcar presença. Foi efectuado nos terrenos da Casa da Companhia com castanhas da proprietária, nossa benfeitora, que fez questão de estar presente. Honraram com a sua presença, os nossos Padres João e Telmo assim como os rapazes mais velhos da Casa. Quero deixar também aqui o meu agradecimento à D. Eulália pela saborosa sopa de pedra e à D. Rosa pelas magníficas bifanas e também pelas várias bolos que estavam em cima da mesa e que fizeram as delícias de todos, mas o essencial, foi e é sempre a vossa fraternal presença para estreitar os laços familiares.

JANTAR DE NATAL — Damos conta do local escolhido. Este ano será na zona de Penafiel, mudando o cenário para o restaurante Milho-Rei à face da estrada nacional n.º 106 que vai para Entre-os-Rios, no lugar de Sete Pedras Calçada-Oldrões. Os associados deverão trazer cada um, uma prendinha simbólica para a troca de presentes, no fim do jantar, abrilhantado pela nossa tocata já muito bem ensaiada pelo nosso Presidente Miguel. Contamos com a tua presença e da tua família, até porque para as crianças até aos 10 anos, é grátis. Confirmem a vossa presença antecipadamente para os contactos dos números de tlm 912163569 ou 917414417.

LOJA SOCIAL — Continuam a chegar até nós, as mais variadas ofertas entregues na Casa Dina, no Porto. Poderão enviar também para o Lar do Porto, sito na rua D. João IV, 682, ao cuidado do Sr. Padre Carlos.

Alguns antigos gaiatos continuam a merecer a nossa ajuda com o pouco que há na loja. Assim o Ilídio, o «Nabo» e o «Pauliteiro» já têm as suas casas mais acolhedoras.

Esperamos que os «Batafinhas», da Casa do Gaiato de Malanje, Angola, já estejam mais agasalhados com o vestuário oferecido pelos nossos amigos.

Um bem-haja a todos vós, pois com o pouco de cada um, se faz muito. □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Temos verificado que há Rapazes que se sentem os «maiores», com o trabalho individual que vão fazendo!... Nós, temos uma opinião contrária. Ninguém se pode sentir satisfeito com o que faz individualmente, desligando-se do resto da equipa. Para se chegar à vitória, é preciso trabalho colectivo, saber aceitar a sua própria pequenez e reconhecer a filosofia do conjunto a que pertence. Por isso, jamais pode passar pela cabeça de quem quer que seja, que a nossa equipa é composta por «fulano» e mais dez. Não... Isso, nunca! Somos uma equipa, uma família, um grupo de amigos, se quiserem; mas, onde todos se devem sentir iguais, com humildade e vontade de servir o Grupo Desportivo, quando para isso for chamado ao minuto *um e/ao minuto oitenta e nove*.

Este fim-de-semana, recebemos os Juniores do G. C. D. Leões de Citânia, 5.º classificado da Série 5, da A. F. Porto. Uma equipa aguerrida e a jogar bom futebol. Tanto assim foi, que, estiveram a ganhar por 0-1. No entanto, quando fomos para as cabines — ao intervalo — já estava restabelecida a igualdade por intermédio

de Joaninha — anda a ficar um pouco convencido. Mas, para grandes males, grandes remédios!

Só muito perto do final do encontro, é que André «Garnisé», de «raiva» e cá do meio da rua, alterou o marcador, fixando-o em 2-1. Uma vitória suada, muito por causa, de tantos golos falhados. Eu diria mesmo: é inacreditável...! Quem está a atravessar um excelente momento de forma, é o Nelson. Um verdadeiro patrão na defesa — faz-me lembrar o nosso «Pretinho». António Pedro voltou a estar em grande — de pequeno também não tem nada! Octávio, entrou de novo no Grupo Desportivo. Espero que desta vez seja para valer. Fez um bom jogo e conseguiu encantar alguns dos visitantes.

Uma semana depois, foi a vez de sermos visitados pela briosa equipa de Juniores do F. C. F. — Felgueiras, da A. F. Porto. Um jogo que foi discutido e jogado taco-a-taco, durante 90 minutos. O Felgueiras jogou sem nos dar espaço para pensar e jogar. Uma equipa muito bem organizada, com rapazes educados, duros, habilidosos e muito bem preparados fisicamente para aguentar todo o jogo em ritmo acelerado. Ao intervalo fomos para

as cabines com um 0-0. Na segunda metade, o ritmo não baixou. Falhamos uma grande penalidade e tudo parecia inalterável com as duas equipas a fazer pela vida. Mas ao minuto 82, surge uma outra penalidade (que eu tenho dúvidas) e que André «Espanhol» não desperdiçou e fixou o resultado final em 1-0. Todos sabíamos que não ia ser fácil, assim como todos os jogos que se seguem, nenhum vai dar tréguas.

Para terminar, esta semana apareceu-nos o nosso Teixugueira. «Venho matar saudades...!» — disse-nos. Com ele, vinha o Licínio. Foi bom vê-los, e excelente, foi aquela mensagem do nosso «Pretinho»: «Então... tudo bem?! (...) Boa sorte para esta temporada. Um abraço para todos». Eu chamava-lhe «Preto Feio», e ele acaba a mensagem, para gozar comigo: «Preto Bonito». Fiquei feliz! Tudo de bom para ti e para todos. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro, 48.000 exemplares

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Envio cheque para a assinatura do 'Famoso', o pequenino grande jornal que leio com devoção e que, há mais de 50 anos, tem inspirado a minha vida espiritual e o caminho para a prática do amor e caridade para com os que mais necessitam. A doutrina do Padre Américo, tocou-me profundamente. Devo-lhe muito do que sou.»

Assinante 17478»

«(...) Vão também os meus agradecimentos por tudo o que o Jornal me transmite: uma chamada à realidade, um interesse pelos que nos rodeiam e, ainda, por fazerem um trabalho tão meritório em tantas áreas. Que Deus vos abençoe, a vós e ao vosso trabalho.»

Assinante 60136»

«É com enorme prazer que envio esta pequena contribuição

para a vossa maravilhosa Obra, de em cada rapaz fazerem um Homem. Agradeço igualmente as vossas palavras cheias de sabedoria, os momentos de reflexão e oração que me chegam através d'O GAIATO. Obrigado por tudo.»

Assinante 64423»

«Chegou a hora da minha reforma e, por isso, pensei em partilhar com os que precisam. Boa saúde e amor sem medida é o que vos desejo.»

Assinante 9893»

«As minhas saudações amigas. Neste tempo em que a Ideia de Deus e de Seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, anda, pelo menos, muito nublada, julgo que O GAIATO é o melhor meio para avivar a Fé e Acreditar na Sua Mensagem: 'Amar a Deus sobre todas as coisas e ao Próximo como a nós mesmos.'»

Venho, pois, enviar a inscrição de assinatura para os meus cinco filhos (três filhas e dois filhos), para que o Famoso seja para eles todos uma luz que ilumine e guie as suas almas e vidas.

Junto cheque que dará para o papel, não é o que quero, é o que posso.

Convosco nas muitas preocupações, incompreensões que magoam fundo, trabalhos sem conta; envio cumprimentos amigos e de admiração.

Assinante 33205»

«Para a assinatura d'O GAIATO, onde as vossas mensagens nos fazem acreditar que no mundo ainda há Amor...»

Que Deus, na Sua Infinita Bondade, suscite muitos corações generosos que possam contribuir para que seja possível a vossa ajuda.

Assinante 62899»

SETÚBAL

Padre Acílio

Momentos

Já me têm perguntado pelos momentos. Nem sempre os há para registar como também me falha a disposição para os descobrir.

Eram três e vinte da manhã quando batem a porta do meu quarto.

— Que se passa? — Perguntei naturalmente espantado.

— Está ali a polícia. Três dos rapazes, levaram a camioneta, foram para Setúbal e um deles está preso nas esquadra!...

É uma ótima maneira de acordar.

Visto alguma roupa por cima do pijama, enfio os sapatos sem meias e aí vou eu, para encarar a autoridade. O agente relatou-me os factos, acrescentando que a camioneta estava bem estacionada em Setúbal, que só capturaram um e que os outros dois, tendo fugido, já tinham comunicado ao colega detido, o seu regresso a Casa de táxi e agora estavam deitados.

Entretanto, não sei como o Hélio apareceu. Hélio é o meu anjo da guarda. Quando surge algo mais trágico ele aí vem para apoiar e resolver.

Mandei chamar o chefe da casa dois, que não eram todos da mesma casa, e ele confessou não ter dado por nada.

— Então levanta os dois “meninos” para nos acompanharem à esquadra e tudo se esclarecer diante da polícia — ordenei!

O caso apresentava-se grave. O agente falava-me ou em participar deles ou sonegar o acontecimento, conforme o meu critério.

Sair de casa sem ordem, conduzir um carro sem carta, arranjar a chave do veículo assaltando a salinha onde estava guardada, é algo de inédito nesta Casa e na minha longa vida, mas nada que eu não previsse.

A Casa não tem portão nem guarda. Nós matamo-nos a trabalhar o dia todo e a noite é curta para recuperar forças. Torna-se fácil à gente nova meter-se em aventuras destas!

Que fazer agora? Construir um portão? Arranjar um guarda nocturno? Pôr-nos à espia?

Não. Os métodos da Casa do Gaiato são bem diferentes. Não educamos os rapazes por fora, mas por dentro.

Liberdade é o eixo de toda a educação. Só com ela se faz um Homem.

Se os rapazes não puderem fazer o mal, como se educarão?

Um deles é bailarino. Naquela noite pouco dormiu pois o chefe da casa fê-lo levantar para o pequeno-almoço e Escola. Na academia notou-se a sua incapacidade e uma directora interrogou-o sobre a imprevista inércia.

— Que o chefe lhe tinha dado murros e pontapés a ele e ao colega da façanha e por isso estava naquele estado.

O tribunal foi longo!... O bailarino ainda não chegara. Aproveitei a sua ausência para interrogar o companheiro acerca dos maus tratos que o chefe lhes infligira. Que não lhe tinha tocado.

— E ao teu amigo?

— Acho que não, que nada lhe fez.

O tribunal foi decorrendo com o jantar. Entrou o referido chefe que trabalha fora e, surpreendido com a acusação, apenas referiu que não o vendo no refeitório ao pequeno-almoço o foi levantar da cama.

Já quase no fim do jantar chegaram os da academia, entraram na sala para comer como é normal e com eles vem o arguido. Sentou-se, comeu a sopa, serviu-se do segundo e agora interrompi-o do meu lugar sobre os murros e pontapés que o «Paizinho» lhe havia dado, relatados à Direcção da Academia que tão alarmada e crédula, me chamara para deplorar o sucedido e protestar.

— Que não disse nada disso. Só se foi a mãe que falou dessas coisas à directora. Que ele nada dissera.

Os rapazes ouviam. O silêncio dominava a sala toda, a verdade vinha ao de cima e, com ela, a vergonha dos prevaricadores. No dia a seguir, houve Catequese e, ao jantar, as Catequistas não se contiveram: — hoje estiveram tão silenciosos e atentos que foi uma maravilha.

— É natural — respondi-lhes — a Catequese de ontem, no tribunal, foi forte e entrou-lhes na alma!

Agora a tentação da senhora, ao fim do dia, é levar consigo as chaves dos carros para o seu quarto. A minha seria deixar as chaves nas ignições de cada veículo.

Feliz o Homem que podendo fazer o mal não o faz — diz o Salmista.

Apanha da azeitona

NÃO temos muitas oliveiras, mas aproveitamos bem o fruto das árvores da paz.

Este ano compramos uma vara mecânica. — Um pequeno motor eléctrico alimentado pela bateria do tractor, faz rodar, no cimo de uma vara leve, uns dedos plásticos flexíveis, que passando junto das azeitonas as derrubam sem ferir os ramos, dispensando assim as tradicionais e ultrapassadas varas que batiam nas inocentes oliveiras para lhes roubar os frutos.

Como as nossas árvores são poucas e algumas dos vizinhos ficam sem colheita, deixando cair, de maduras, no chão, as lindíssimas azeitonas, atrevi-me a pedir.

Foi visível a alegria com que o senhor João nos cedeu as suas azeitoneiras. Reservamos para Sábado, um dia em que há mais rapazes e é preciso organizar trabalho para todos, a recolha daqueles frutos.

Ao lado fica o kartódromo. A partir das dez horas começa a azáfama dos pequenos veículos a deslizar nas pistas com grande barulho dos motores.

Os rapazes não se distraíram. Foram mudando os painéis deitando abaixo as negras e gordas azeitonas, com todo o empenho mas não acabaram até ao almoço, hora em que termina o trabalho ao Sábado.

Foi preciso voltar de tarde.

Como senti o contraste!... Enquanto os meus trabalhavam para termos azeite, os outros divertiam-se sobe os aplausos dos pais e amigos dispensados aos jovens pilotos, como se de heróis se tratassem!

Não disse nada a ninguém. É a primeira vez que revelo esta sensação, mas experimentei espontaneamente, naquela tarde, um gozo afectivo e espiritual pelos meus, agarrados generosamente à sua tarefa na luta pela vida. □

parou entretanto. Houve jogos tradicionais com os escuteiros; e, depois, uma boa merenda com castanhas. Trouxemos material escolar. Ficamos muito gratos!

CLIMATIZAÇÃO — Foi preciso instalar um aparelho para climatizar a nossa despensa, pois as regras de qualidade são exigentes, relativamente aos produtos alimentares.

DESPORTO — A 20 de Novembro, Sábado, de manhã, vários Amigos de uma empresa trouxeram-nos um equipamento azul(!) e disputaram um jogo, em que perderam por muitos golos. O convívio é que conta. Bem hajam! □

CALVÁRIO

Padre Baptista

Veio da rua

VIERAM contar-me uma história e desejavam que ela tivesse aqui o último capítulo.

Uma senhora rejeitada pelos familiares, passa os dias nas ruas da cidade, deambulando, pedindo álcool e café nos bares que encontra. O seu andar oscilante denuncia já as fortes consequências do seu viver errante. Muitos maltratam-na com ditos e desdém.

Estava eu com três medronhos na mão a ouvir esta narração e o meu pensamento foi de imediato para o arbusto onde aqueles frutos foram colhidos. Encontrei-o no meio do mato desejando crescer, mas o tojo e os codessos tapavam-lhe a claridade e comiam-lhe as raízes. Pegámos nele e plantámo-lo no nosso jardim. Pouco tempo depois o medronheiro apresenta deliciosos frutos vermelhos.

Aceitei o pedido na certeza de igualmente vir a colher frutos.

A senhora transpôs o portão da nossa Casa e imediatamente confirmou tudo quanto me haviam narrado. Não queria ficar e despejou todo o vocabulário agressivo a que estava habituada. Amedrontaram-se os doentes, mas ninguém respondeu nem esboçou a mais leve censura. Foram dois dias difíceis, após os quais serenou. Foi verificando que já não estava nas ruas da cidade e que ninguém a maltratava. O seu agir agreste esfriou com o silêncio e a serenidade dos outros doentes. E mudou o seu comportamento.

Hoje de manhã veio dizer que gostava de estar aqui e que não lhe faltava nada. Agora passa o tempo a abraçar as companheiras.

Os medronhos estão à vista. Temos hoje esta senhora na palma da mão como tivemos então os medronhos na hora de conhecer a sua história.

Mas foi preciso transplantá-la, retirá-la do meio ruim em que vivia.

A rua explora os vícios e para os fracos e pobres olha-os sobranceiramente. A comunidade, quando é família torna-se escola do coração e da amizade, do perdão e da compreensão.

Como são saborosos os medronhos maduros. □

MALANJE

Padre Rafael

Remar contra a maré

A rádio informa-nos que a última tempestade destruiu mais de trezentas casas de adobes na cidade de Malanje. Nada se sabe do sucedido nas aldeias. São muitas as pessoas que vêm a nossa Casa pedir um barrote para arranjar o telhado. Outros, se são trabalhadores, para comprar uma chapa para repará-lo.

A cada dia, aumenta a violência nas proximidades de nossa Casa. Alguns bandos dedicam-se a roubar motos. Outro dia, no pomar de mangueiras que temos em nossa Casa, encontraram o corpo de um jovem que tinha sido enforcado. Levava mais de cinco dias morto e estava em tal estado de decomposição que tivemos de o enterrar a cinco metros de onde foi encontrado. Hoje, Domingo, sem ir mais longe, chegaram uns jovens com feridas de catanas produzidas por uns indivíduos que tentaram roubá-los.

As drogas estão a entrar com muita força em Angola. A marijuana é consumida por muitas pessoas que vivem nas aldeias. A cocaína também se consome e, porque não dizê-lo, a muito temida heroína. Outro dia, encontrámos algumas seringas num beco por detrás da Catedral de Malanje. Mas, sem dúvida alguma, é o álcool o refúgio de todos os fracassos e frustrações deste povo, que não se vê sair da pobreza e da miséria.

Em Casa, tentamos remar contra a maré. Na semana passada alguns dos maiores chegaram com uma cerveja a mais e tentaram esconder-se nos seus quartos. A má sorte acompanhou-os e apanhei-os. No dia seguinte, Domingo, submeti-os a uma revisão de vida muito séria sobre o consumo de álcool. Como um acto de todos, saiu do grupo o compromisso de preparar uma campanha de sensibilização sobre o consumo de álcool. O grupo é composto pelo Hernani, Inácio, Morie, Mamix, Betinho e Simão.

O Padre João Luís continua a conhecer a nossa Casa de Malanje. Durante estes dias tem-se dedicado especialmente ao estudo escolar, depois de analisar as necessidades de alguns dos nossos rapazes. O ambiente familiar que se respira em Casa dá-lhe a oportunidade de poder participar, com toda a normalidade, em qualquer actividade.

A Irmã Marlene foi a Luanda e já se está a preparar para ir um par de meses a Espanha fazer exames médicos e descansar. Por outro lado, Padre Telmo parece que não vai demorar e esperamo-lo em Angola já no próximo mês. Finalmente, Nati assumiu algumas classes de Marlene e eu fiz um acordo com os maiores.

Um novo mês está a chegar ao fim. Dentro em pouco iniciamos os exames de fim de ano. Como sempre, dizem que as aulas terminam no princípio de Dezembro, mas a verdade é que termina no início de Novembro para as classes que entram em época de exames. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — Embora as chuvas tenham chegado, com algumas abertas, a apanha da azeitona fez-se nos vários olivais. Como se verificou, a produção é menor do que no ano agrícola anterior. O azeite que se extrai, num lagar da zona, é muito útil na nossa alimentação. O nosso couval, de couve serrana e tronchuda, está bom e fornece-nos para a sopa, especialmente o caldo verde, de que gostamos.

BENS ALIMENTARES — Agradecemos a todos os nossos Amigos que nos têm ajudado com géneros alimentares, para que os bens essenciais não falem na nossa Casa. Os lacticínios são importantes nas refeições

e até alguns iogurtes têm vindo. Muito obrigado!

REPARAÇÕES — Alguns electricistas têm andado a consertar as instalações eléctricas, antigas, dos sectores da pecuária, padaria, lavanderia e rouparia. Estes arranjos são muito necessários. Foi substituído um quadro grande, de entrada de corrente, no ático da casa nova.

MAGUSTO — Como é tradição, a Paróquia de S. José, Coimbra, pelo Sr. Padre João Castelhana e Catequistas, convidou-nos para um magusto no exterior da Igreja Paroquial. Foi a 14 de Novembro, Domingo, de tarde. Deslocámo-nos em dia de chuva, que

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

FOI com o lema «Cada freguesia cuide dos seus pobres», que Pai Américo resumiu o bem que todos lhes podem fazer, cristãos e homens de boa vontade, na esfera de acção deste grupo comunitário.

Fazer o bem aos pobres, aos pequeninos, é fazê-lo ao próprio Jesus Cristo, que por a todos amar, não quer que se percam aqueles que, as circunstâncias da sua vida, os levariam ao desespero e à desistência de viver.

A nossa sociedade está, como sabemos, envelhecida. Muitos homens e mulheres vivendo sós ou ainda como casal, ficam tantas vezes entregues a si mesmos, em situação de penúria, devido a acidentes da vida ou ao próprio evoluir natural das coisas.

Neste contexto, chegaram até nós duas situações: uma de um casal a quem um incêndio destruiu a casa, e outro de uma mulher que vive só. Em ambos os casos têm filhos, com vida independente, gente que se interessa pelos pais.

Aos que ficaram sem casa, os filhos receberam-nos nas suas, embora com muitas dificuldades pois têm habitações pequenas, com poucas condições. Por tal motivo, ficou o casal separado, impedidos de viverem juntos, ansiosos pelo regresso à casa que construíram e onde começaram a sua vida e a ela trouxeram os seus filhos.

A este drama humano a comunidade local respondeu com uma ajuda monetária que, embora



considerável, é ainda reduzida para alcançar o objectivo de dar um resto de vida feliz a quem tudo fez para o ter.

Nós fomos ver e conhecer a casinha que ardeu e a família que nela se constituiu. E concluímos que também nós devemos colaborar, ajudando a recuperar dos estragos o lar, que acidente tão natural como imprevisto, fez nesse casal há tantos anos unido e agora separado.

O caso da Pobre que vive só tem uma história diferente. Vive numa casa do «Património dos Pobres», há longos anos. Foi aí que constituiu a sua família, e aí quer continuar a viver até ao fim dos seus dias. Um filho morando perto, vive com a sua família numa boa casa que tem construído com muito esforço. Desejou acolher nela a sua mãe, mas porque esta quer permanecer na sua, vive preocupado e vai metendo a mão a pequenas coisas que é preciso, na Casa dos Pobres, fazer.

Com o passar dos anos o

telhado foi deixando passar, cada vez mais, água da chuva para o interior. Procuraram ajuda da Comunidade, a quem a casa pertence, para a sua reparação, mas por isto e por aquilo, nunca houve vontade de ajudar. A mulher foi desesperando, sem compreender porque a sua casinha, pobre como ela, não merecia o interesse de ninguém.

Foi nesta situação que nos vieram pedir ajuda. Ofereciam todo o trabalho, pedindo só o apoio com os materiais necessários.

Passados poucos meses, em dia chuvoso e já com a noite a entrar, fomos ver o resultado do trabalho deste filho, e seus amigos, na casa de sua mãe. Ela estava feliz, e logo nos chamou e convidou a entrar. A casa continua pobre, é património dos pobres, mas porque a água da chuva já lá não entra, está aconchegada.

Vale a pena pôr os Pobres a louvar a Deus, já que os a quem nada falta, por via disso mesmo, muito se esquecem de O fazer. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Jesus esconde-Se nos Pobres

CELEBRO à noite, depois da oração com os rapazes. Alguns deles, nunca mais de meia dúzia, vêm comigo. As leituras motivam sempre o que lhes dizer; aliás faz parte da Catequese que dantes lhes dava depois do tribunal caseiro. Já sei, desde o Seminário, a passagem da viúva que Jesus louvou por ter dado duas pequenas moedas da sua penúria. Deu quanto tinha. Referência tantas vezes lembrada aos rapazes do que nos vão dando, de um modo especial o que vem da Obra da Rua em Portugal. Tantos óbulos de viúva. Mencionei uma carta, chegada há dias, de cem euros, tirados da pequena reforma. Tantos anos sem receber nada por carta, que já nem esperava. Pessoa desconhecida, mas em quem Deus repara.

Ora daí a pouco começo a Consagração: — Isto é o Meu Corpo! Caíram-me os olhos. O quê? De uma insignificante migalha Jesus atreve-se a chamar-lhe o Seu Corpo? Àquilo que cai da mesa dos senhores para os cachorrinhos, como disse a cananeia? Faz-se Ele mesmo uma insignificante migalha? Porque? Porque é tão difícil descortinar este Jesus que continua escondido dos grandes, que querendo sentar-se à sua mesa o sacodem para o chão, como se fosse migalha! Quando teve de pagar imposto mandou Pedro pescar e tirar a moeda do peixe. Nunca tocou em dinheiro. Que monstruosidade se Ele tivesse pegado numa moeda e dissesse: Isto é o meu corpo. No entanto quantos o fazem todos os dias, mesmo que seja tirado ao corpo dos seus semelhantes.

E quando Ele disse «Sou o Bom Pastor». Não terá sido mesmo pastor de ovelhas, para o dizer com os pés bem assentes no chão? Terá sido Sua Mãe pastora ou só Esposa do carpinteiro? Porque apareceu Ela aos três pastorinhos, em Fátima, e a Bernardete, em França? Não vem no Evangelho que Jesus tenha sido carpinteiro, mas «o filho do carpinteiro», que São José bem pouco teria para fazer. É desgastante da nossa sensibilidade esta irritante humilhação contínua de Jesus. Mas é d'Ele mesmo. É aí que Ele está. Por isso é tão difícil descobri-LO. Diria mesmo, é tão importuna esta condição de Jesus, que até Se esconde nos Pobres que nos parecem mais asquerosos, que se torna impossível aceitá-LO.

Por vezes após a Celebração de Domingo, vou à RTP acompanhar a que chega de Portugal. Tudo tão belo, cânticos tão harmoniosos, tudo tão solene que, por vezes, não me sinto bem. Se o tempo chegasse, ia por aí fora ouvir os passarinhos e ver as couves a crescer na horta, como fazia Pai Américo quando, após tantas idas e vindas de África, acostou a Vilarinho da Ramalhosa, decidido a ser Franciscano. Nem a regra o converteu nem ele à regra. Foi nos farrapões das ruas de Coimbra que apanhou a *martelada* e começou a ver a Luz, fonte de toda a sua vida. Vida que hoje mais ninguém quer nem aceita, por tão escondida, que não vale importância nenhuma. Coisa de tolos. E lá está o nosso Padre Baptista a sofrer, depois de tanto descobrir no Pobre os nadas que são o seu encanto e que todos devíamos procurar. Não tarda que o crucifiquem e não falta já quem procure. Não os Pobres, mas aqueles que nada querem com eles nem com Ele. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Ai! Que ele é tão doce dizer que se ama a Deus, quando as coisas deslizam sem arestas; tão fácil ser-se piegas e chamar-se piedoso! O amor do pobre pela sorte dos Pobres toca as raias da santidade. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

bro ao Senhor as necessidades dos Gaiatos, pois leio e releio O GAIATO com muito prazer e estou a par de tudo o que se passa nas várias Casas da Obra». Pede para ficar anónima. E não vai demorar a consumir-se, pois, lá fora, está o pai de família à espera do dinheiro das chapas para cobrir a sua casa. Outro espera alguns sacos de cimento para tapar os buracos das paredes, pois a casa está em risco de cair. É gente do povo que não tem a quem recorrer. Por isso, bate à nossa porta.

Continuamos a braços com o problema grande do emprego dalguns rapazes mais velhos. Necessitam de viver, com urgência, a sua autonomia. Nesta fase de recessão, as dificuldades de emprego têm sido maiores. É uma grande aflição comum. Por outro lado, os pedidos para a entrada de novos filhos continuam. Hoje, de manhã, uma pessoa veio suplicar a abertura da porta para duas crianças. Ainda não é possível. Esperamos poder levar este sofrimento por mais algum tempo.

Outras ocupações também absorvem o nosso tempo de vida. São necessários e urgentes os trabalhos de manutenção das residências dos rapazes. É preciso muito dinheiro. Tenho esperança no cumprimento da promessa da pessoa muito amiga que leva esta aflição connosco. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

A vida que esperamos

AOS nossos olhos, parece-nos que a partida deste mundo é contrária à vida humana. Santo Agostinho também esclareceu que, afinal, é *o instrumento pelo qual se passa à vida*. À Vida plena, que é a comunhão com Deus.

O mundo não é um fim para o ser humano. Quando experimentamos perdas e a miséria humana, é reconfortante a presença do *Sol da justiça*. Fomos criados para Ele e para O ver: *“o homem não pode contemplar-Me e continuar a viver”* (Ex 33,20).

Se as catástrofes e as enfermidades nos confrontam com os nossos limites, tais males têm seguramente causas naturais ou pelo mau uso da liberdade; não são castigos. Jesus deixou isto claro: *“julgais que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem assim sofrido?”* (Lc 13,2). A acção divina, em Jesus Cristo, é de uma bondade louca, até ao extremo, pela criatura humana que, embora seja débil, tem uma grande profundidade interior. É fantástico desvendar a complexidade humana, como a consciência, conforme o tem feito Damásio, até para valorizarmos mais o ser humano, desde a concepção até ao limite da finitude.

Os males físicos afectam toda a pessoa humana e a chamada definitiva para a casa do Pai entra sempre por alguma porta ou friesta. Causam dores, mesmo atenuadas clinicamente, que não poupam as crianças e os anciãos, que são cada vez mais neste *Inverno* da Europa. A esta questão ninguém está alheio. As criaturas humanas nunca podem ser abandonadas à sua sorte, devido aos seus padecimentos. Quem pode ficar à margem destes encontros vivificantes?...

Transformar em realidades pascais os acontecimentos negativos pode ensinar-nos a entender

os males de que padece a humanidade. Quando se adoce e os cuidados de saúde são onerosos, aquelas pessoas que precisam de tratamentos podem ser atiradas para a pobreza. De facto, cem milhões de pessoas ficam mais pobres, anualmente, por se tratarem. É uma questão actual e crucial, pois muitos ficam à beira do caminho...

Considerando que os males não têm a última palavra, os *raios de salvação* devem atingir a vida temporal e transformá-la, em prol da dignidade humana.

Estes pensamentos que nos ocorreram, nestes dias, avivaram-se também num corredor de Cardiologia, pejado de inocentes. Eis que um menino desta Família, neste Outono, foi bem visto por quatro especialistas, em que a ciência e o humanismo se cruzam com sabedoria. O pequenito não abarcou o alcance do diagnóstico, mas a proximidade dos curadores. Quando se espera por um bem, como esta consulta, vale a pena não desesperar.

Há dias, na mesa dos pequenos, um deles não decorreu logo como era possível ter dois pais ou duas mães. Logo, outro atalhou com segurança que também se pode ser pai ou mãe do coração!...

Um conterrâneo dele pediu-nos, entretanto, auxílio: — *Ajude-me. Não tenho trabalho e o meu filho sofre do coração...* O Menino da Cruz não quer supérfluos, nem coisas. Tão somente a nossa vida toda e dada gratuitamente!

A viagem para a casa do Pai celeste é herança comum de todos nós e disso temos consciência, que nos pode angustiar. Pela Luz sem ocaço, a inimizade da doença também há-de ser vista como uma ocasião forte de conversão, pois *viver é Cristo!* □